

POSSIBILIDADE E EDIFICAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DE UM PENSAMENTO CLÍNICO EM PSICOLOGIA *

Myriam Moreira Protasio **

Resumo

Este texto pretende refletir sobre um modo de pensar que sustenta a disponibilidade e a própria atmosfera da clínica psicológica de inspiração kierkegaardiana. Começaremos por elucidar o que está sendo compreendido por pensamento clínico. Em seguida será preciso esclarecer o sentido que estamos destacando para dois outros elementos, possibilidade e edificação, os quais serão tomados em relação à existência em sua concretude cotidiana, espaço que guarda sempre a possibilidade de transformação e de um constante fortalecer-se (edificar-se) neste movimento. Para finalizar deve-se retomar o caminho percorrido de forma a conjugar a disjunção que constitui a existência com o nosso tema central, qual seja, o pensamento que sustenta a clínica psicológica como possibilidade de edificação. Para Kierkegaard não há separação entre pensar e ser, o que significa dizer que o pensamento clínico se sustenta no próprio modo como a relação clínica acontece.

Palavras-chave: Søren Kierkegaard; Pensamento Clínico; Possibilidade; Edificação.

POSSIBILITY AND UPBUILDING IN THE CONSTITUTION OF A CLINICAL THINKING IN PSYCHOLOGY

Abstract

The purpose of this text is to reflect on what is being called clinical thinking, which supports the very availability and atmosphere of the psychological clinic from a Kierkegaardian inspiration. We will begin by elucidating what is being understood clinical thinking. It will be necessary, then, to clarify the meaning of two other elements that we are highlighting, possibility and upbuilding, that will be taken in relation to existence in its daily concreteness as a space that always supports the

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no evento *Um dia com Kierkegaard*, organizado na UERJ em abril de 2018.

** Psicóloga. Pós-doutoranda no Programa de pós-graduação em psicologia social da UERJ – PPGPS-UERJ com bolsa FAPERJ nota10. Doutora (2014) e Mestre (2011) em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É sócia fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro - IFEN, onde é também professora, supervisora e coordenadora de pesquisa, com ênfase em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial e Kierkegaard. Membro da Diretoria da Associação Latino-americana de Psicoterapia Existencial (ALPE) e Presidente desta instituição no Brasil. Membro Honorário da Sociedad Peruana de Psicología Fenomenológico Existencial (SPPFE). Pesquisadora no projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE) da UERJ. Endereço institucional: Rua Barão de Pirassununga, 62 – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ. Cep: 20.521-170. E-mail: myriam@ifen.com.br

possibility of transformation and a continuous strengthening (upbuilding) in this move. To conclude, we must return to the path we have taken to conjugate the disjunction, which constitutes existence, with our central theme, that is, the thought that sustains the psychological clinic as a possibility of upbuilding. For Kierkegaard, there is no separation between thinking and being, which means that clinical thinking relies on the way the clinical relationship is established.

Keywords: *Søren Kierkegaard; Clinical Thinking; Possibility; Upbuilding.*

Introdução

Imaginemos, por um momento, algumas situações que chegam à clínica psicológica: alguém que chora todas as noites porque mora com um tio idoso o qual teme que morra a qualquer momento, e que tem a mãe morando em outro lugar, com quem também se preocupa temendo que algo lhe aconteça e não esteja perto; ou alguém que insiste em finalizar a faculdade apesar das constantes reprovações nas matérias; ou, ainda, alguém que se separou do marido há cinco anos e vive temendo a opinião dele sobre suas decisões mais rotineiras. Como não ceder à tentação de pensar que há um problema a ser solucionado e que o psicólogo clínico tem os instrumentos adequados para isto ou, no mínimo, a melhor indicação? Ou, como enveredarmos por outro caminho, no qual o clínico não quer dispor de elementos prévios, mas quer se deixar guiar pela situação, o que exige calma para navegar nos acontecimentos?

Tomando livremente alguns termos kierkegaardianos, usados sob o pseudônimo Johannes Climacus em *Migalhas filosóficas* (KIERKEGAARD, 2012), podemos considerar que o clínico, no caso em que pensa ter domínio da situação, é um mestre humano que contém a verdade em si e se movimenta no sentido do resultado, construindo estratégias que ocasionem a modificação do outro seja por meio do diálogo ou de instruções mais objetivas. Este clínico se fia no domínio que tem dos elementos em questão: o antes e o depois, o certo e o errado, o aporte teórico, a experimentação objetiva e a generalização. Ele pensa que a pergunta ou o problema trazido à clínica exige uma resposta objetiva, ou seja, pressupõe que há uma plenitude possível de ser mapeada de forma a indicar a saída adequada.

Na segunda situação descrita, em que o clínico não se apressa em dispor do conhecimento prévio, entendemos que a pergunta não traz consigo o interesse da resposta de forma que o clínico não se deixa guiar pela arbitrariedade da pergunta. O clínico tem seu foco na própria relação, pois acredita que sejam possíveis outros modos de lidar, e que estes podem surgir no âmbito da relação clínica, na qual o pensamento vai se consumando em

um passo alternado, um claudicar de lado a lado em que cada resposta contém a possibilidade de uma nova pergunta (KIERKEGAARD, 1991, p. 42). Retomando Climacus, pensamos que, neste caso, o clínico é um mestre divino que resguarda a possibilidade de que *algo* como uma transformação aconteça. O divino, aqui, deve ser entendido como possibilidade que admite o mistério e desconfia de determinações prévias, linhas retas e de seu próprio poder, pois sabe que não pode, por sua vontade, ter domínio sobre a situação. Neste caso, o ambiente clínico se desenha como espaço participativo sustentado por um modo de pensar que, pacientemente, segue o fluxo do acontecimento. Mas, algumas questões emergem aqui: Como se constitui este modo de pensar? Ou melhor, em que se sustenta este pensamento? E, de que modo este pensamento sustenta, também, uma ação clínica? As questões que estamos levantando pertencem ao domínio da psicologia clínica e busca considerar essa clínica para além de um conjunto de elementos objetivos a serem mapeados e dominados por um profissional devidamente preparado.

Nosso objetivo neste texto é responder às questões levantadas tomando por base as considerações de Kierkegaard sobre possibilidade e edificação, buscando elucidar uma modalidade de clínica psicológica que se deixe educar pelo possível, que se sustente em um *pensamento clínico* construído na e a partir da disponibilidade e da própria atmosfera da clínica e que se mantenha em sintonia com o incontornável, com o devir da existência, tal qual explicitado acima. Começaremos por esclarecer o que estamos compreendendo por pensamento clínico e de que modo, em Kierkegaard, este modo de pensar se relaciona com a Psicologia. Em seguida será preciso esclarecer o sentido que estamos destacando, a partir de Kierkegaard, para possibilidade e edificação, os quais serão tomados em relação à existência em sua concretude cotidiana, espaço que guarda sempre a possibilidade de transformação e a possibilidade de um constante fortalecer-se (edificar-se) neste movimento. Como movimento final, retomaremos o caminho percorrido de forma a conjugar a disjunção que constitui a existência, em seu caráter de *possibilidade para a possibilidade*, com o nosso tema central, qual seja, o pensamento que sustenta a clínica psicológica como possibilidade de edificação. Retomaremos os exemplos clínicos que apresentamos na abertura de nosso texto buscando construir, à luz do que discutimos, um modo de compreensão afinado com o que estamos pondo em questão no texto.

Sobre um pensamento clínico em psicologia: algumas contribuições de Kierkegaard

Kierkegaard (1967) escreve em seus diários, no mesmo ano em que publica *Conceito de angústia*: “Psicologia é o que precisamos e, acima de tudo, conhecimento hábil (*expert*) da vida humana e simpatia com seus interesses” (V B 53, *Apud.* Nordentoft, 2009, p. xvii). Na voz do pseudônimo Anticlimacus, ele (KIERKEGAARD, 2010a) evoca as palavras de um médico à cabeceira do enfermo, explicitando que conhecimento hábil não significa domínio da totalidade. Ao contrário, mais vale a afinação com a situação, ou seja, mais importante que o conteúdo das palavras ditas importa afinarmo-nos com a situação, captando a atmosfera que lhe é própria, de forma a não nos esquecermos o modo como as palavras foram proferidas. E, sobre simpatia, o pseudônimo Haufniensis (KIERKEGAARD, 2010) esclarece que “a simpatia só é verdadeira quando se confessa [o psicólogo, no nosso caso] que o que atinge a um pode atingir a todos” (p. 59). Haufniensis prefere exemplificar o que está querendo dizer descrevendo um caso de falta de simpatia. Ele descreve o caso de um médico de hospital psiquiátrico que é bastante tolo a ponto de acreditar que sua sensatez e seu equilíbrio estão assegurados por toda a eternidade e que ele está protegido do risco de qualquer situação acidental, tal como enlouquecer, que foi o que ocorreu com seus pacientes. Para Haufniensis este médico é “num certo sentido mais sensato que os dementes, porém, ao mesmo tempo, mais tolo e, seguramente, não há de curar muitos” (p. 59).

A psicologia que estamos conspirando aqui, como podemos antever a partir dos fragmentos citados, se movimenta a partir de uma atmosfera diferente daquela a que estamos habituados. O conhecimento que precisamos diz respeito à situação específica em que um acontecimento se deu, muito mais do que a um conhecimento prévio e universalizante. Este tipo de conhecimento, ao contrário, pode induzir a que o psicólogo e o médico vejam a si próprios como imunes àquilo que acomete seus pacientes e que, de fato, é da ordem da vida e, logo, se acometeu a um e pode acometer a muitos, o médico/psicólogo inclusive. Podemos concluir que a psicologia acenada por Kierkegaard deve se resguardar de ilusões de domínio sobre os acontecimentos, sustentando-se num tipo de pensamento/disposição que se interessa por aquilo que está em questão para o outro e se afina com os acontecimentos para poder compreendê-los.

São estas ideias que nos inspiram e nos levam ao que estamos entendendo como pensamento clínico, um modo de considerar a relação que se estabelece na clínica

psicológica pela perspectiva de que o sentido do acontecimento só pode ser encontrado na situação mesma em que o pensamento nasce e que, despregado da situação, se converte em abstração sistemática. Assim, a situação clínica é o ponto a que se deve sempre voltar caso queiramos compreender o sentido daquilo que ali acontece. O pensamento clínico que importa é aquele que se dá como ação e permanece no mais simples, a situação mesma, se deixando guiar por ela e guardando-se da tentação de achar que paira acima dela como um poder dominador de um conhecimento universal. Ao permanecer junto à situação o pensar/agir não se deixa apanhar por uma atmosfera julgadora, conforme descrito por Haufniensis (KIERKEGAARD, 2010) como primeira Ética mas, ao contrário, permanece na situação e se deixa guiar por ela, de modo a que possa aparecer aquela possibilidade que melhor responda ao que está em questão. A atmosfera, neste caso, é criadora, a que Haufniensis se refere como segunda Ética.

A experiência é, então, o mais originário, e congrega tudo o que há, ou seja, a totalidade. do que está ali em questão e que é experimentado na relação clínica. A relação, embora constitua-se sempre no encontro de pelo menos duas pessoas, é sempre singular, pois dá-se num espaço e tempo propícios àquela experiência e nela se constituiu como originária. No acontecimento da relação clínica não importam as determinações particulares, ou seja, de cada um dos envolvidos, mas a *Stemning*, a atmosfera que emerge e congrega a situação. A palavra dinamarquesa *Stemning* “denota disposição, ambiência e também afinação” (SOUSA, In KIERKEGAARD, 2009, p. 23). No acontecimento clínico, disposição e afinação conjugam pensamento/ação com possibilidade e se constitui no mais originário. A possibilidade não é uma abstração, mas, antes disto, é o campo que se abre na e a partir daquela situação que se constitui como *possibilidade para a possibilidade*. Do permanecer junto à situação, ou seja, à possibilidade, é que *algo* pode se dar. Algo como um instante que, ainda que por um átimo, pare o movimento do tempo e esclareça o sentido daquela experiência para cada um dos envolvidos. Assim, o pensamento permanece junto ao mais simples, ao que é dito e como é dito pelo analisando, sem pretensões de assinalar erros, desvendar segredos ou apontar caminhos, mas de navegar no curso aberto por aquela experiência.

O pensamento clínico que estamos tentando fazer ver aqui deve estar comprometido com o mais originário, o próprio acontecimento na clínica. Afinal, a clínica é sempre o campo em que alguém busca, junto ao psicólogo, saídas para sua própria existência, como vimos nas situações que descrevemos no início de nosso texto. Mas, o que devemos entender por possibilidade e por edificação? Como participam na construção do

pensamento/ação que sustenta a clínica psicológica como campo de possível (PROTASIO, 2018)? A seguir, vamos nos demorar na elucidação destes elementos.

Acerca da possibilidade

A questão da possibilidade foi posta por Kierkegaard em tensão com a noção de necessidade e seu corolário, a causalidade. A ideia básica da causalidade é que onde algo se dá, necessariamente outro algo se dará. Necessidade é aquilo que condiciona e determina algo numa sequência linear de acontecimentos. A crítica de Kierkegaard é que para fazer um sistema necessário era preciso abolir tudo o que se mexe, que se altera, ou seja, abolir a vida da coisa, de qualquer coisa, e compreendê-la a partir de representações, estas sim, estáticas. Dois elementos são centrais na crítica de Kierkegaard aos sistemas que se sustentam na necessidade como um movimento linear: eles perdem de vista a vida mesma e, nesse gesto, não deixam espaço para o indivíduo, este que existe e para quem a existência é de suma importância. Alcança-se o absoluto, a ausência de dúvida, sob o preço de perder a vida, o caráter sensível da existência.

Vale lembrar que Kierkegaard, em diálogo com o pensamento hegemônico em seu tempo, o idealismo alemão, está sustentando o limite da lógica para dar conta da existência. O ponto é que a lógica pressupõe uma linha reta ascendente, ou seja, um encaminhamento e um sequenciamento linear que parte de um ponto inicial negativo e pressupõe que o final está garantido pelo natural encaminhar e sequenciar das refutações filosóficas. Kierkegaard vai mostrar que na vida isso não funciona, justamente por seu caráter paradoxal que resguarda, sempre, a possibilidade do salto, ou seja, de que se crie novos sentidos para a existência. Ele vai mostrar que o salto não tem espaço na lógica (PROTASIO, 2015). Trata-se da tensão entre o conhecimento universal, que se dá fora da vida, e a possibilidade de um pensamento cujo interesse é a vida ao modo como esta se dá, como relação entre indivíduos e como tarefa de conquista de suas próprias determinações.

Kierkegaard mostra que está em questão na existência o seu caráter de liberdade, de abertura e de possibilidade que, no entanto, não está livre de limitações. O aberto constitui-se em tensão com o fechado. Este tema é tratado, inicialmente, na voz de Haufniensis (KIERKEGAARD, 2010), mas é amplamente discutido por Anticlimacus (KIERKEGAARD, 2010a), sob a categoria de desespero. Pode-se resumir o que está aqui em questão dizendo que desespero diz respeito à condição, mais originária na existência, de que o homem não pode colocar a si mesmo, não pode determinar as condições em que

existe, mas ele está sempre dado nas condições que são as suas. Isso quer dizer que o homem existe como verbo, ou seja, como ação, assumindo formas específicas de viver, de existir, condicionado por determinações que ele não põe e com as quais tem que se haver. Estas condições não têm o caráter de necessidade, não são fixas e podem sofrer alterações.

De forma resumida o que queremos acentuar é que o homem 1- não pode determinar as condições em que existe, 2- ele tem que existir de alguma forma, 3- estas formas não esgotam as suas possibilidades e 4- nesta duplicidade, nesta tensão, ele *pode conquistar* a si mesmo. Haufniensis (KIERKEGAARD, 2010) resume da seguinte forma: a existência é “a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade” (p. 45). Kierkegaard mostra, na voz de Haufniensis e de Anticlimacus (KIERKEGAARD, 2010a), que o homem pode perder a si mesmo de muitas formas. Mas, ele também pode conquistar a si mesmo. E que a experiência de si mesmo como indeterminado, como podendo conquistar-se ou perder-se, *pode* aparecer para o homem em determinadas experiências como angústia, desespero, ironia, dúvida. São disposições como estas que dão voz ao caráter paradoxal da existência. O caráter paradoxal é este que denuncia o limite da razão e da lógica para que o homem entenda a si mesmo e transforme a si mesmo. Não é pela lógica que o homem desperta para sua própria situação, mas são disposições como ironia, angústia, desespero, dúvida ou tédio que *abrem* a existência para seu caráter de indeterminação, ou seja, de possibilidade para a possibilidade. E, mais importante, é que nessa abertura *pode* dar-se aquilo que Haufniensis aponta como o “aprender a angustiar-se”, ou seja, aprender sobre si mesmo enquanto este que se é. Sobre isto, diz Haufniensis (KIERKEGAARD, 2010): “quanto mais profundamente [um homem] se angustia, tanto maior é o ser humano”, pois pode transformar-se (edificar-se) em meio a este aprendizado.

Esses elementos são centrais no que queremos acentuar acerca da constituição do pensamento clínico, ao esclarecer que conquistar a si mesmo já implica a situação do homem na precariedade de seu existir, podendo perder ou ganhar a si mesmo. E que, basicamente o que está em questão é a tensão entre a realidade dada e possibilidade, e o modo como o homem corresponde a esta tensão, ou seja, como ele resolve, em seu próprio modo de existir, os problemas que são os seus. Num discurso edificante de 1851, Kierkegaard (2011) analisa algumas modalidades de existir para mostrar que o homem pode escapar de sua situação, de seu caminho (sua verdade) de vários modos: ele pode refugiar-se na multidão, na razão, na regra, na dúvida, atormentando-se ao pensar que poderia não fazer o que faz ou fazer algo que não faz, e sua vida seria diferente... Mas, para Kierkegaard (2011), o caminho que leva um homem ao fundamento de sua própria

existência é “estreito desde o princípio” (...) e “seu trabalho é trabalhar contra si mesmo” (p.79), ou seja, trabalhar contra a tendência a se deixar levar pelo caminho naturalmente dado. Não havendo um caminho pré-determinado a ser trilhado, ao estarmos sempre já posicionados existencialmente de um modo ou de outro, o que há é o caráter de possibilidade resguardando outras direções em cada caminho tomado.

Assim, cada uma das disposições ou modalidades tomadas constitui-se como um *inter-esse*, um vazio, um oco ou buraco (FOGEL, 2015) que sustentam a possibilidade de uma retomada de direção, de uma mudança de sentido ou de uma conversão/transformação. Conversão está sendo entendida aqui como um “verter junto aos acontecimentos da existência, um afinar-se com a tonalidade de sua própria existência, com o jeito certo de fazer as coisas em sua existência” (PROTASIO, 2015, p. 93). Esta afinação não fala de um saber previamente dado, de uma sabedoria da vida ou de um cálculo capaz de determinar a melhor oportunidade na situação, por isso a palavra é conversão. O caráter paradoxal sustenta a possibilidade de um exame de si e, eventualmente, de transformação de si. Este é o campo da edificação, tema do qual trataremos a seguir.

Sobre a edificação

A palavra dinamarquesa para edificar é *opbygge*, formada a partir de *bygge* que significa construir, unida a *op*, que significa para cima, e faz “referência ao fundamento a partir do qual se edifica algo” (FERRO & CARVALHO, 2007, notas, p. 283). Kierkegaard fez muitos usos tanto da palavra edificação quanto do termo edificante, este último usado principalmente em alguns discursos. Nestes casos, o discurso que edifica pretende uma transfiguração e uma edificação a partir de fundamentos de modo que a construção tem sua raiz num fundamento sólido. Ele diz: “haverá edificação no sentido próprio do termo quando o nexa com a elevação incluir ao mesmo tempo um nexa com o próprio fundamento, ou seja, quando a construção se eleva de algo que tem profundidade para sustentar” (citado por FERRO & CARVALHO, 2007, p. 283). Uma metáfora que pode ser usada para explicitar esta relação entre fundamento e elevação é a do bambu, que é um tipo de árvore de uma única haste fina que, no entanto, apesar de alcançar grandes alturas, não se parte com a força do vento – pois tem raízes tão profundas quanto a altura alcançada. Assim, em termos existenciais, a edificação relaciona-se com o fundamento de si.

Kierkegaard chama a atenção para a relação entre fundamento e edificação ao afirmar que só o originário é edificante, e o é na medida em que permanece em sua

originalidade como algo presente. O fundamento não é algo que se possa deixar para trás, como uma mera pressuposição, mas algo sempre presente na medida em que sustenta aquilo que edifica. Um elemento central na questão do edificante é o da possibilidade de que a vida (a relação) seja construída sobre uma base sólida. Mas como isso é possível? O que seria preciso para essa construção? Conforme Ferro & Carvalho (2007), o “objeto do edificante e da edificação é a vida, quer dizer, para cada sujeito, a sua própria vida” (p. 284). Estes autores sustentam que, para Kierkegaard, a construção do edifício da vida depende de uma “refundação radical da vida no seu todo – não apenas alterações avulsas” (p. 296). Isso implica dizer que a vida que existe e que importa é esta na qual cada um já existe como um afeto, uma afinação (*Stemming*, como dissemos acima) com a totalidade de sua própria vida. Portanto, a questão do edificante não é abstrata, mas uma questão humana que se põe para o homem e continua a se pôr na vida de cada um de nós.

A existência já sempre se dá como modo específico de se articular com as condições e com as relações postas, as quais são significativas na medida em que importam *para mim*. O *para mim*, nos termos colocados por Anticlimacus (KIERKEGAARD, 2010 a), se apresenta como modos de lidar com a relação em que cada um de nós desde sempre já está e como constituição de sentido que deixa ver aquilo em que se está implicado. Por isso, angústia e desespero tem um caráter transitório, de *passagem* e de origem à qual sempre se pode regressar para retomar e reconstruir sentidos. Existir significa um movimento cheio de tarefas a realizar e, neste movimento, o homem pode conquistar a si mesmo em sua verdade ou, conforme Kierkegaard (2005) desenvolve nas *Obras do amor*, pode *edificar a si mesmo*. Assim, o problema do edificante relaciona-se com a verdade como fundamento de si mesmo. Mas, como podemos compreender o sentido de verdade para si mesmo?

Para responder a esta questão recorreremos, mais uma vez, a Ferro e Carvalho (2007), que sustentam que a questão da verdade já está incorporada na vida de cada um, “vive nele”, uma vez que a noção de verdade para mim não se relaciona com o quê da verdade, mas com o como da relação que se estabelece com ela (p. 314). A verdade é, falando de forma breve, aquilo que move uma pessoa, a paixão que sustenta suas ações. Neste sentido, verdade é, ao mesmo tempo, algo que já se é (a paixão que sustenta nossas ações, o fundamento) mas, por outro lado, algo que precisa ser conquistado, apropriado, que ainda precisa ser adquirido. A tarefa de edificar implica, então, uma descoberta de si como este no qual eu posso me transformar, não abstratamente ou como um problema de uma época, mas na existência enquanto experiência do todo da minha vida, como

cuidado. Trata-se do domínio do que nos toca, nos determina, nos obriga a lidar com isso e aquilo com que cada um tem que se haver, ou seja, aquilo com que, no próprio curso da vida, se co-existe [se contemporiza].

Podemos concluir que edificação implica cuidado com o devir em termos de preocupação com o futuro, mas também como um voltar atrás no sentido de retomar o próprio fundamento podendo, continuamente, se reinaugurar. Este voltar atrás é um voltar a si mesmo em seu fundamento para pegar impulso e retomar a existência, não em abstrato, mas como *minha* existência (FERRO & CARVALHO, 2007, p. 214-216). Neste sentido é importante esclarecer que futuro não diz respeito apenas a um objetivo ou meta, mas deve ser entendido como a totalidade da experiência em que sempre estamos. Desta forma o futuro não está num além distante, descolado do presente, mas diz respeito à totalidade da vida, de forma que ocupar-se com o futuro significa ocupar-se com a totalidade da *minha* vida que se dá no presente enquanto união de todos os tempos da minha vida, ou seja, da totalidade da minha vida. Neste sentido podemos entender o motivo pelo qual edificar exige o afinar-se com o próprio fundamento. Esta afinação não se dá por meio de uma mudança radical, mas se conquista ao se tocar e modificar a própria relação que se tem consigo mesmo, uma vez que a vida em jogo nunca é uma abstração, mas a minha [de cada um] vida.

Não devemos nos esquecer que o ponto que sustenta a edificação é o mesmo que sustenta o perigo de que alguém viva eternamente perdido de si, e isso é muito significativo para um pensamento clínico. Na clínica, a questão do edificante se coloca originariamente como a relação constituída, como a *vida* dessa relação, de forma que o edificante é estranho a uma especulação filosófica ou moral. Mas, por que essa estranheza? Porque a especulação filosófica e moral tem seu fundamento em um elemento geral, a multidão, elemento abstrato e estranho ao acontecimento mesmo daquela relação clínica enquanto tal. O pensamento especulativo e moral não tem ouvidos para o estritamente singular, aquela relação, constituída por indivíduos, por este que existe e pode adquirir a si mesmo *em paciência*, como afirma Kierkegaard no discurso edificante de 1843 (KIERKEGAARD, 2007).

Kierkegaard reconhece que o homem tende a ver a si mesmo por meio das determinações do mundo, por meio de generalidades e sentidos já dados, e que pode enganar-se pensando que estas verdades são a sua verdade. Mas também sabe que o homem pode edificar-se no confronto com estas possibilidades, despertando para sua própria possibilidade, afinando-se com seu fundamento. Em nosso entender isso é o que

significa a constituição da existência enquanto paradoxo: a possibilidade de descobrir, em meio às determinações e possibilidades dadas, aquela possibilidade que se afine com o fundamento de si mesmo em sua existência, o que exige um tempo longo¹ e paciência². Conforme esclarece Haufniensis (KIERKEGAARD, 2010), é preciso algum tempo para refletir sobre si mesmo, para esquecer seus próprios erros (p. 12), mas “qualquer ser humano que presta atenção a si mesmo sabe o que nenhuma ciência sabe, dado que ele sabe quem ele mesmo é, e isso é o que há de profundo na sentença grega (conhece-te a ti mesmo) (p. 85). Conhecer a si mesmo se equivale a conquistar a si mesmo, pois esse saber de si não é uma abstração. Conforme esclarece Ferro (2012), “o si mesmo relaciona-se consigo mesmo como algo que tem validade eterna, de tal forma que a relação consigo é a relação ao *todo* da sua vida e, por isso, é algo que possui o significado de *ser* decisivo”. Nesse sentido “o sujeito relaciona-se consigo como ‘algo’ que cuida, que zela, que protege, com que se preocupa” (p. 107), considerando que está sempre em perigo de perder-se de si mesmo em sua verdade.

Vimos que edificar a si mesmo implica cuidado, preocupação com o futuro e uma afinação com a totalidade de sua existência. E que o fundamento é o caráter da realidade como possibilidade para a possibilidade. Agora, resta perguntar: Se a verdade é a que já está aí, incorporada como o sentido que sustenta a vida de cada um, de que modo as situações aparecem na clínica como um problema que merece ser pensado? Um problema que, ao ser pensado, sustenta a possibilidade de transformação, de mudança de sentido, de renovação e de edificação? Aqui retomamos nosso ponto de partida: a articulação entre possibilidade, edificação e pensamento clínico. Enxergamos nessa articulação um campo profícuo para uma clínica psicológica de inspiração kierkegaardiana e afinada com a tradição do pensamento existencial em psicologia. Trataremos disso a seguir.

Possibilidade, edificação e pensamento clínico

Para Anticlimacus (KIERKEGAARD, 2010a), “tudo deve ser pretexto para edificar” (p. 17). E, segundo Haufniensis (KIERKEGAARD, 2010), “o segredo de toda compreensão é que o próprio ato de compreender ultrapassa sempre a posição que põe” (p. 126). Vimos, acima, como tendemos a nos iludir pensando que as posições que

¹ Veja, sobre este aspecto, Justo, 2012.

² Encontra-se um estudo aprofundado da paciência nas notas e referências de Nuno Ferro e M. J. de Carvalho sobre o discurso edificante de 1843 *Adquirir a alma em paciência* (KIERKEGAARD, 2007). O próprio texto é instigante e elucidativo sobre o que está em causa no adquirir a alma na paciência.

assumimos na existência são definitivas. Como sustentar um pensamento clínico que se afine com o caráter precário do próprio ato de compreender? Como o clínico pode se proteger de tomar as posições como algo dado? E mais, como tomar os acontecimentos que se dão na clínica como “pretexto para edificar”, ou seja, como abertura de possibilidade de transformação?

Começaremos por considerar que as disposições que se abrem na clínica são o nosso ponto de partida e nosso alicerce. Embora elas possam parecer, inicialmente, problemas incompreensíveis e desarticulados da totalidade da existência, acreditamos que na continuidade, no próprio caminhar da relação clínica, *pode* aparecer o sentido que sustenta aquelas ações, que articulam a vida não como abstração, mas como *minha vida*. Neste sentido, estamos nos inspirando em Climacus (KIERKEGAARD, 2013), que pede para que não nos esqueçamos de que “é um espírito existente quem faz as perguntas, um ser humano totalmente individual” (p. 203), um sujeito pensante que, ao descobrir seu pensamento, descobre a si mesmo, pois ele mesmo é um existente que permanece na existência. Climacus afirma que “um espírito existente que pergunta pela verdade” (p. 201), presumivelmente quer viver nela, pois para o existente, o existir é seu máximo interesse e sua realidade é este estar interessado pela sua existência. Assim, para Kierkegaard, a verdade que importa, a minha verdade, não se exprime na linguagem da abstração, mas como um *inter-esse* entre pensar e ser, entre a possibilidade e a sua efetividade. A tarefa “é compreender-se a si mesmo na existência” (KIERKEGAARD, 2016, p. 68) pois, ao descobrir seu pensamento, o homem descobre a si mesmo, um existente que permanece na existência.

Inspiramo-nos, também, em Haufniensis (KIERKEGAARD, 2010) quando ele diz que é preciso que o homem creia, uma vez que o ponto limite do entendimento é a realidade, mas é a continuidade que sustenta a possibilidade. Para Haufniensis “a continuidade é a própria essência da eternidade, e exige o mesmo do homem, isto é, quer que ele tenha consciência de ser espírito, e que creia” (p. 136). Espírito, aqui, quer dizer o homem existente, este que cada um de nós somos. Assim, o caráter edificante do presente é que ele *originariamente* e *paradoxalmente* sustenta, funda, ao mesmo tempo o real e a possibilidade. O possível antecipa a continuidade (a eternidade) como o aberto em que se pode confiar, como espaço e tempo em que um homem, como cuidado, pode conquistar a verdade de seu existir. A palavra confiar, em sua origem latina, vem de *confidēre* – no sentido de acreditar em, de ter fé, uma fé que se exerce junto; mas também no sentido de

confilus, de fiar junto³ (HOUAISS, s/d). Acreditamos que a relação clínica psicológica se desenha nesta duplicidade, nesta tensão: um diálogo participativo que tem seu limite na realidade, mas que, na continuidade, resguarda a possibilidade. Assim, o pensamento clínico sustenta a relação como um diálogo participativo, como um confiar, um seguir junto na constituição de um campo de ação onde cada um dos envolvidos pode descobrir a si mesmo em seu modo de articular-se com as questões da existência. Haufniensis (KIERKEGAARD, 2010 a) diz que “a apropriação é o segredo do diálogo” (p. 18).

Entendemos que a relação clínica, por si só, já traz consigo a possibilidade da apropriação, de um saber de si e de uma transformação. Nesta relação de coparticipação e de confiar o clínico segue junto ao outro, acompanha seus passos, resguardando-se de qualquer ilusão de superioridade, de sabedoria. Antes, dispõe a si mesmo a serviço da relação, constituindo o espaço onde analista e analisando⁴, a seu próprio modo, estão focados na situação que inquieta, que embaraça e solicita. Em nosso entender, a clínica se constitui como espaço de confiança tanto no sentido do fiar junto, como no sentido de uma entrega aos possíveis não previamente determinados, o que implica fé. O clínico, ao mesmo tempo em que se fia no presente, está lançado na continuidade como o campo onde uma transformação pode acontecer, onde uma medida *pode* ser conquistada e, nesta conquista, uma transformação *pode* acontecer.

Um dos desafios da relação clínica psicológica é não se deixar levar pela tagarelice do senso comum. O clínico, ao ir se envolvendo na relação, vai sustentando a atmosfera propícia para que o modo de articulação se descubra e *possa* aparecer em toda sua força e legitimidade, *esclarecendo* qual o seu sentido, ou seja, do que ela fala e para o que ela fala. O pensamento clínico que estamos considerando aqui se exercita como aprendizagem, como escuta atenta e afinação com a situação. Um pensamento que prescindir de controle, que escolhe aprender em lugar de dominar. Que se angustia e, na paciência e em paciência (KIERKEGAARD, 2007) ajuda a si mesmo enquanto ajuda o outro, conquista a si mesmo enquanto ajuda o outro a conquistar a si mesmo.

³ Heidegger (2001) utiliza, nos Seminários de Zollikon, a palavra análise tomada neste mesmo sentido de confiar ou, conforme Feijoo (2017), no sentido do “tecer e o destecer de uma trama” (p. 20). Feijoo mostra que no início do século XX houve uma ampla utilização do termo análise naquelas tradições em psiquiatria que se inspiravam no pensamento de Heidegger, como Binswanger e Boss, que as utilizaram em seus projetos de daseinsanálise. Heidegger teceu críticas a isso e Binswanger acabou optando por designar “sua prática de fenomenologia antropológica” (FEIJOO, 2017, p. 26). A autora, embora considere o termo análise ao modo como foi tomado por Heidegger, como “destruição das verdades estabelecidas” (p. 135), diz ter optado em seu trabalho pelo termo psicologia existencial, por considerar que este “é mais abrangente e por isso abarca a essência do que queremos tratar” (p. 26), mantendo as denominações de psicoterapia existencial ou de clínica psicológica existencial para sua análise existencial.

⁴ Confira nota acima para o uso dos termos analista e analisando.

O diálogo participativo que acontece na clínica psicológica sustenta-se no modo próprio de acontecimento daquela articulação ao modo do *inter-esse*, ou seja, de ser passagem para a apreensão da totalidade. Nenhum dos envolvidos está imune ou numa posição mais privilegiada. A dimensão de sentido vai se construindo naquilo mesmo que aparece e vai se transparecendo para aquele que existe e quer aprender de si e edificar a si mesmo. A possibilidade de se perder dá o tom do perigo que, em temor e tremor, é enfrentado pelos envolvidos em total disponibilidade. E o que sustenta essa disponibilidade? A tensão entre possibilidade e edificação que, no tempo longo e em diferença mínima (JUSTO, 2009), vai conquistando a sua medida e se deixando educar pela *escola do possível*. Na clínica, demorar-se nesse espaço, nesse vazio, é demorar-se na possibilidade de onde pode advir uma articulação transformadora, afinada com a verdade que importa. E, retomando aqui o âmbito do compromisso com o caráter divino do próprio destino, permanecer na existência exige obediência, uma vez que a existência não opera pelo domínio dos elementos em questão e o limite, a realidade é, justamente, seu campo de manobra enquanto *passagem*. É preciso, então, uma escuta diferenciada para que possamos obedecer à direção aberta pela situação.

Vale retomarmos às situações que trouxemos como exemplos clínicos, no início deste texto e tentarmos articulá-las com as reflexões que realizamos. O que dizer daquela pessoa que precisa assegurar-se que nada vai acontecer com o tio ou com a mãe, aquele rapaz que precisa finalizar a faculdade e não consegue ou da senhora que vive uma separação sem estar, realmente, afastada do ex-marido? Vamos realizar uma pequena análise, retomando os elementos que desenvolvemos acima. O homem tem de ser de algum modo. Assim, quando cada uma daquelas pessoas se apresenta o que aparece é o modo como cada um se articula com sua existência. No entanto, como o homem é a realidade de possibilidade para a possibilidade, a possibilidade a que eles dão voz é *uma* possibilidade, e não a única. E mesmo aqueles elementos que são apresentados como limitando seu modo de ser eles são, também, *uma* possibilidade compreensiva, e não a única. Assim, há outros modos possíveis e, principalmente, há a possibilidade de que cada um edifique a si mesmo em sua situação. Seguindo Kierkegaard (1986), sabemos que tendemos a ter preferência por ilusões, e as queixas que emergem no discurso destas pessoas podem estar servindo para que elas esqueçam sua condição de liberdade, de abertura a possibilidades e se iludam aguardando uma solução fora de sua própria realidade. Mas elas podem, também, ser voz da possibilidade em meio à precariedade da existência, voz de um movimento em direção a uma outra possibilidade de ser, ou seja, à

possibilidade de uma outra afinação com a totalidade de sua existência. O clínico, então, permanece junto ao analisando, em confiança acompanha seus passos e aguarda, pacientemente, que a possibilidade se dê.

Como desenvolvemos acima, a tarefa do analista é permanecer junto ao analisando. Sua ação pode se dar, por exemplo, no sentido de ampliar os problemas de cada posição assumida, buscando ser a ocasião para que se esclareça em que estas posições estão sendo sustentadas. Isso é, se cada uma destas pessoas está agindo a partir de ilusões e se é possível conquistar os fundamentos destas ações ainda não vislumbrados, ainda obscurecidos. A preocupação do rapaz com o tio e a mãe pode aparecer na sua realidade de impossibilidade de controle, mas também de possibilidade enquanto o ainda não, o ainda aqui, à medida que ambos estão vivos, assim como o queixoso; a dificuldade de finalizar a faculdade do outro rapaz pode ser vista em tensão com a totalidade daquela existência e, quem sabe, o sentido desta dificuldade pode dar-se a ver abrindo outras possibilidades; e a senhora separada pode visitar seus próprios atos, confrontá-los com a totalidade de sua existência, visitando seus medos e seus anseios naquilo que sustenta suas ações. Quem sabe, assim, outros possíveis se abram para ela. Em confiança, ou seja, fiando junto, o clínico acompanha os passos dados e aguarda pacientemente que aquele fundamento se dê a ver, aquele fundamento ao qual o analisando sempre pode retornar para medir-se e fortalecer-se (edificar-se) nele. Fazendo isto ele está tomando cada situação em sua singularidade e, ao mesmo tempo, não perde de vista o caráter universal que diz que o homem, cada homem, tem que se haver com a existência que é a sua.

Kierkegaard (2010), na voz de Haufniensis, atenta para o perigo das psicologias universais, que constroem seus exemplos a partir de grandes diferenças, assinaladas em regras de caráter geral. Em nossa compreensão ele está acenando para uma forma de fazer psicologia que, ainda que tenha formado seus exemplos na observação da diversidade humana universal, não os toma em seu caráter universal, mas aprende com eles a ser “mais ágil que um equilibrista na corda bamba para conseguir de algum modo entrar na pele das pessoas e imitar seus gestos, assim como o silêncio” (p. 60), de forma a que a confiança ali criada estimule a pessoa a ter uma conversa consigo mesma e, eventualmente, a descobrir outra possibilidade de se articular ou de lidar com sua existência, aquela possibilidade que importa, que faz diferença, em outras palavras, que se “afina” com a totalidade da sua existência. Acreditamos que agindo assim o clínico pode conquistar aquele *conhecimento hábil*, aquela disponibilidade a que nos referimos acima, que se constitui no coração do pensamento clínico que estamos defendendo.

Considerações finais

Alguns temas abertos neste texto mereciam um maior desdobramento, dentre eles paciência, tempo longo, diferença mínima, obediência, o que terá que ser feito em outro momento. A tarefa assumida aqui foi a de tentar caracterizar um pensamento clínico que, fundado na possibilidade como constituição originária na existência, sustentasse na clínica psicológica uma atmosfera de edificação, ou seja, de fortalecimento em e a partir dos próprios fundamentos. Por tudo o que desenvolvemos acima, concluímos que a compreensão alcançada aponta para a clínica psicológica como uma arte, uma vez que ela não pode ser antecipada em sua forma e precisa aguardar o acontecimento e se fiar nele, ter fé (para usar uma expressão tão cara a Kierkegaard).

Ortega y Gasset (s/d) nos serve de inspiração para dar voz ao que colocamos aqui em questão, quando ele diz que o essencial é “o mover do pensamento flutuando numa atmosfera de problemas” (p.2) que, continuamente, assumem novas roupagens. Assim, as questões trazidas à clínica, quando tratadas mecanicamente a partir de teorias, sustentam-se em um saber prévio que assegura para si mesmo o conseqüente, o resultado. Mas, para nós, vida não obedece a esta linearidade e exige uma nova disposição do espírito. Uma clínica afinada com a existência precisa entender que “dar-se conta de um problema novo ou do recrudescer de um problema antigo é, por sua vez, dar-se conta de uma nova tarefa para o espírito, da necessidade de se procurar uma nova solução” (ORTEGA Y GASSET, s/d, p. 5). E espírito, aqui, “significa precisamente a serenidade que nos faz, em meio ao torvelinho vital da multidão de desejos fragmentados, de amarguras, de exultações, manter uma direção, um sentido que orienta e qualifica toda essa turbulência” (p. 7). Este sentido e direção que qualifica o acontecimento são, precisamente, o fundamento, a *passagem* à qual a clínica sempre pode voltar, como tentamos desenvolver.

Isso nos leva a uma última questão que nos mobilizou neste percurso de tentar caracterizar um pensamento clínico como sustento da relação psicológica. Queremos considerá-la, ainda que brevemente: o pensamento clínico que desenvolvemos pode, de algum modo, ser ensinado ou compartilhado? Seria possível ensinar esta forma de pensar a clínica psicológica a estudantes ou psicólogos que queiram aprender esse modo de se articular com a clínica e que não estejam buscando um conjunto de determinações prévias sobre o que o homem é ou sobre o que deve ou não ser feito na situação clínica? Mais uma vez, recorreremos a Ortega y Gasset (s/d), quando ele diz: “Dia a dia cresce em mim a suspeita de que nada do que realmente mereça ser aprendido possa, de fato, ser ensinado”.

Consideramos que o autor está, com suas palavras, reafirmando o que tentamos desenvolver no trabalho: a tarefa clínica, assim como a tarefa de viver, implica aprender a separar o que importa daquilo que não é importante; aprender a demorar-se na direção que fortalece o fundamento. Esta serenidade, esta possibilidade de sustentar uma direção orientadora no meio do torvelinho que é a vida, não pode ser ensinada, apenas *contaminada*.

Conforme tentamos mostrar, a situação clínica, ao se constituir em um diálogo participativo, precisa mais do que um *modus operandi*, exigindo dos envolvidos uma disponibilidade e uma afinação que se demore no presente, no acontecimento buscando, aí, suporte para a edificação da própria relação clínica. Ao não se constituir a partir de um acúmulo de saber, é preciso entregar-se, a cada vez, à realização de uma possibilidade, aquela aberta pela situação em questão e que, num tempo longo e em diferença mínima (JUSTO, 2009), sustenta a possibilidade da conversão e edificação. Aquilo que Constantin Constantius (KIERKEGAARD, 2009) desenvolve como *repetição para adiante*. Assim, esperamos que as reflexões levantadas neste estudo possam servir de suporte para aquele que quer ser contaminado por esta possibilidade. Citando, novamente, Ortega e Gasset (s/d): “contentar-me-ia em andar ao lado de almas mais acomodadas que a minha e introduzir-lhes fermentos de dúvida, ambição e esperança”.

Agradecimentos

A autora agradece à FAPERJ pela bolsa de pós-doutoramento que possibilitou esta pesquisa.

Referências

- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Existência & Psicoterapia: da psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial. Rio de Janeiro: IFEN, 2017.
- FERRO, Nuno, & CARVALHO, Mário Jorge de. “Notas e Posfácio”. Em KIERKEGAARD, Søren Aaybe. Adquirir a sua alma na paciência. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007, pp. 37-316.
- FERRO, Nuno. (2012). Estudos sobre Kierkegaard. São Paulo: LiberArs.
- FOGEL, Gilvan. Homem, Realidade, Interpretação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. Seminários de Zollikon. (M. Boss, Ed., G. Arnhold, & M. d. Prado, Trads.) São Paulo; Petrópolis, SP; RJ: EDUC; Vozes, 2001.
- HOUAIS, Antônio. Dicionário online, s/d. Disponível em <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em 16 de outubro de 2018.

JUSTO, José Miranda. "Introdução". Em KIERKEGAARD, Søren Aaybe, *A Repetição: Um ensaio de Psicologia Experimental* (pp. 9-25). Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

JUSTO, José Miranda. "From a Differentiation in Times to the Earnestness of Existence". Em JUSTO, José Miranda. & SOUSA, Elisabete Marques de. *Kierkegaard in Lisbon: Contemporary Readings of Repetition, Fear and Trembling, Philosophical Fragmentes and the 1843 and 1844 Upbuilding Discourses* (pp. 57-65). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *Søren Kierkegaard's Journals and Papers* (Vols. Volume 1, A-E.). (H. H. Hong, Trad.) Bloomington and London: Indiana University Press, 1967.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor.* (J. Gama, Trad.) Lisboa, Portugal: Edições 70, 1986.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *O conceito de Ironia.* (Á. L. Valls, Trad.) Petrópolis: Vozes, 1991.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *As obras do amor.* (Á. L. Valls, Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *Adquirir sua alma em paciência dos Quatro discursos edificantes .* (N. F. Carvalho, Trad.) Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2007.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *A Repetição.* (J. M. Justo, Trad.) Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *O Conceito de Angústia.* (Á. L. Valls, Trad.) Petrópolis - São Paulo, RJ - SP: Vozes - Editora Universitária São Francisco, 2010.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *O desespero humano.* (A. C. Monteiro, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Editora Unesp, 2010a.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *Para un examen de sí mismo recomendado a este tiempo.* (A. R. Albertsen, & colaboradores, Trads.) Madrid: Trotta, 2011.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *Migalhas Filosóficas.* (J. M. Justo, Trad.) Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2012.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas vol. I.* (Á. L. Valls, Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Søren Aaybe. *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas vol. II.* (Á. L. Valls, Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PROTASIO, Myriam Moreira. *O si mesmo e as personificações da existência finita.* Rio de Janeiro: IFEN, 2015

PROTASIO, Myriam Moreira. *Kierkegaard e a Psicologia do Possível.* Publicação do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia, IP-USP. Rio de Janeiro: IFEN (no prelo), 2018.

NORDENTOFT, Kresten. *Kierkegaard's Psychology*. (Bruce H. Kirmmse, trad.) Eugene, Oregon: WIPF & STOCK, 2009.

ORTEGA E GASSET. *Pedagogia da contaminação*, 1917/s/d. Disponível em <https://www.ime.usp.br/~pleite/pub/artigos/ortega/pedagogia.pdf> – Consulta em abril de 2018.

SOUSA, Elisabete Marques de. “Introdução - O salto para a eternidade”. Em S. Kierkegaard, *Temor e tremor* (pp. 9-38). Lisboa: Relógio D'Água, 2009

Recebido em: 1 de agosto de 2018

Aceito em: 8 de agosto de 2018